

Fiesp promove II Congresso da Indústria Paulista

A Fiesp promoveu, pelo segundo ano consecutivo, o Congresso da Indústria Paulista, sob o tema *Construindo um Novo Projeto para o Desenvolvimento da Indústria de São Paulo*. O evento aconteceu nos dias 1 e 2 de julho, no Gran Meliá Hotel e reuniu mais de 1.500 empresários. Na ocasião, estiveram presentes os ministros da Fazenda, Antonio Palocci, do Desenvolvimento Indústria e Comércio, Luiz Fernando Furlan, o governador Geraldo Alckmin e vários representantes da Indústria.



Foto: Raffaele Sguaglia



Antônio Palocci e Horácio Lafer Piva

O presidente da Fiesp/Ciesp, Horácio Lafer Piva, falou sobre o movimento estratégico nas relações entre o setor produtivo e o Estado. “Parcerias entre empresas e governo serão fundamentais também na questão cada vez mais urgente da eliminação dos gargalos e dos custos excessivos de uma infra-estrutura envelhecida e necessidade de novos investimentos”, disse. De acordo com Piva, persistir na ofensiva exportadora, na pressão para que seja desonerado e estimulado o investimento produtivo, na batalha pela modernização da infra-estrutura e no combate aos juros abusivos são metas e desafios da Fiesp para os próximos anos.

“O empresário precisa olhar com maior auto-estima para o seu setor”, assinalou o ministro de Estado do Desenvolvimento, Indústria e Comércio Exterior, Luiz Fernando Furlan, que acredita que o momento é ideal para investir. “É inegável que os empresários encontrem cada vez mais condições de produzir para exportar”, ressaltou. “O custo Brasil vai baixar ainda mais”, afir-

mou. “Os eixos da política industrial são a modernização, o desenvolvimento tecnológico e a inovação. Não há outro caminho. Desenvolvimento só se faz com eficiência e competitividade”, assinalou.

O governador Geraldo Alckmin, que defende desoneração gradativa do setor produtivo, elencou os quatro grandes setores que vem sendo alvo de investimentos sistemáticos no Estado: Logística, Tributário; Pesquisas Científicas e Social. “Certamente a aplicação de verbas específicas nessas áreas afeta diretamente o desenvolvimento da indústria no Estado.” Alckmin apoiou o trabalho conjunto do setor de pesquisas científicas em parceria com o em-

presariado. “É isso que temos estimulado na Fapesp, que recebe R\$ 500 milhões por ano para projetos que afetam diretamente o setor produtivo Estadual e, conseqüentemente, da nação.”

Nação que, para o presidente da CNI Armando Monteiro Neto, só tem uma única alternativa: crescer. “Para alcançar esse objetivo, é preciso dar condições de investimentos principalmente para o setor industrial brasileiro”, afirmou. “As políticas públicas precisam ser absolutamente claras, de forma que estimulem a competitividade e o crescimento nacional”, acentuou.

O ministro da Fazenda, Antonio Palocci, apresentou indicadores importantes como a queda dos índices de inflação, o crescente ritmo de expansão industrial e a redução do desemprego. Para o ministro, o principal da crise brasileira já passou e o Brasil retoma o seu crescimento. “O mais importante agora é que possamos garantir esse crescimento não só esse ano, mas nos próximos. Precisamos de estabilidade de décadas”, disse. “Precisamos de uma política industrial”, disse Palocci, argumentando que o Brasil está há 10 anos sem nenhuma política industrial. “Está na hora de reconstruí-la e, para isso, a contribuição das empresas é indispensável”.

Para o economista José Roberto Mendonça de Barros, o Brasil está vivendo um momento de retomada econômica e o avanço das áreas de bens de capital e de bens de consumo duráveis começa a se estender para outras áreas. “Com o encolhimento da demanda nacional nos últimos anos, alguns setores tiveram de se voltar para o mercado externo. Isso reforça a expectativa de que as exportações continuem crescendo”, concluiu. “Para manter as exportações em crescimento é importante ter capacidade de ampliar o mercado e isso só é possível com mais inovações e menos custos”, arrematou.

Fonte: www.fiesp.org.br

Palestra

O químico Mário Gilberto Kool Monteiro profere palestra no Sinproquim sobre descontaminação de queimaduras químicas.



Pág. 04

Confira:

Nalco Brasil fecha contrato com Braskem

Ipiranga Química inaugura centro de distribuição de produtos químicos

Carga tributária cada vez maior

Pág. 02

Ipiranga Química inaugura centro de distribuição



Com investimento de R\$ 40 milhões, a Ipiranga Química inaugurou, no dia 25 de junho, o maior Centro de Distribuição (CD) de Produtos Químicos da América Latina. Localizado em uma área de 104 mil metros quadrados em Guarulhos (SP), o novo site dá início a uma revolução na história da companhia que, desde 2001, vem executando um ambicioso plano para dobrar de tamanho até 2006. O CD era a peça que faltava para que a empresa expandisse significativamente seu portfólio de produtos e serviços. Agora, além de distribuir cerca de 400 produtos, o Centro de Distribuição da Ipiranga Química em Guarulhos passa a ser um centro de soluções para toda a cadeia da indústria química e petroquímica.

O diretor-superintendente da Ipiranga Química, Fernando Rafael Abrantes, explica que o CD é peça-chave para o crescimento e diferenciação da companhia no mercado. Em 2001, a empresa elaborou um planejamento estratégico com o objetivo de dobrar de faturamento até 2006. Para isso, definiu dois caminhos: expandir os negócios já existentes e buscar novos negócios de alto valor agregado. Mas nada disso seria possível sem um Centro de Distribuição adequado, que provesse a infra-estrutura necessária, em instalações e tecnologia.

União Terminais investe em desvio ferroviário

A União Terminais, empresa do grupo Unipar localizada em Santos, iniciou as operações do seu pioneiro desvio ferroviário, com dois carregamentos semanais de isotanques com produto Basf. A União Terminais é o primeiro e único terminal portuário de graneis líquidos no porto de Santos a operar cargas perigosas por ferrovia. Trata-se de um investimento de R\$ 1,5 milhão.

A capacidade operacional do modal ferroviário permite o carregamento de 12 isotanques simultaneamente, de uma composição de seis vagões PAD (vagões de plataformas, com dois contêineres tanque em cada vagão).

Em princípio, o trabalho de carregamento no modal ferroviário está sendo utilizado exclusivamente pela Basf. Os vagões com isotanques operados pela Basf equivalem a aproximadamente 900 caminhões/ano. Futuramente a União Terminais pretende expandir o trabalho para os demais clientes.

Nalco Brasil fecha contrato com Braskem

A Nalco Brasil, empresa especializada em soluções para tratamentos de águas e processos industriais, foi eleita pela Braskem para mais um contrato de aproximadamente R\$ 15 milhões. Utilizando-se de programas químicos de última geração, serviços, equipamentos e aplicativos diferenciados, a Nalco atenderá a Unidade de Insumos Básicos da Braskem, no pólo petroquímico de Camaçari, na Bahia.

Esta Unidade da Braskem também gera utilidades para todo o pólo petroquímico, assegurando o funcionamento de cerca de outras 30 plantas do complexo industrial da região. Entre as atividades que serão oferecidas pela Nalco Brasil durante os próximos quatro anos, estão o fornecimento de produtos e serviços para os sistemas de tratamentos de águas, vapor e condensado.

Braskem desenvolve resina de PP

A Braskem será a responsável exclusiva pelo fornecimento de polipropileno para a Brasilit, empresa do Grupo Saint Gobain, líder no mercado francês de materiais de construção e controladora da Brasilit no Brasil. O acordo assinado entre as duas empresas prevê a entrega regular de volume anual fixo do produto, com tecnologia totalmente desenvolvida no País. Com isso, a Brasilit torna-se a primeira empresa do mundo a utilizar esse produto em substituição ao amianto e ao PVA na fabricação de caixas d'água, telhas, e placas de revestimento.

O papel estratégico da inovação para a Braskem é suportado por um programa ambicioso voltado para essa área, no qual são

investidos anualmente cerca de R\$ 50 milhões, e que já permitiu o registro de mais de 100 patentes no Brasil e no exterior. Para isso, conta com o apoio do Centro de Tecnologia e Inovação Braskem, localizado em Triunfo-RS, que liderou o processo de desenvolvimento da resina a ser usada pela Brasilit, líder de mercado nos segmentos de telhas e caixas d'água.

Governo aprova o Sistema Bax® como método oficial para detecção de Salmonella

O sistema BAX®, diagnóstico com base na análise genética de dados, desenvolvido pela DuPont Qualicon, foi aprovado pelo Ministério da Agricultura como método oficial para detectar a bactéria Salmonella em amostras de alimentos, água e no meio ambiente.

Uma avaliação conduzida pelo Ministério da Agricultura com mais de 1,8 mil amostras, em cinco laboratórios, concluiu que o sistema BAX® era equivalente ao método de cultura tradicionalmente utilizado pelo governo nos últimos 40 anos.

“Esta validação é um passo importante para o Ministério da Agricultura, mostrando que há uma nova visão de modernização do Sistema de Segurança Alimentar brasileiro”, diz Josinete Barros de Freitas, coordenadora do Departamento de Microbiologia de Alimentos, CLA-MAPA.

Carga tributária do Brasil está cada vez maior

Especialistas em tributação advertem que a carga tributária vem subindo no Brasil, apesar da promessa do governo de manter a arrecadação em torno de 35,6% do PIB este ano, o mesmo nível registrado em 2002 e 2003. “Temos de alertar a sociedade para o fato de que há uma tendência de alta na carga tributária”, disse o presidente do Instituto Brasileiro de Planejamento Tributário (IBPT), Gilberto Luiz do Amaral. “E o governo tem de ser pressionado para que esse compromisso seja cumprido.” Recentemente, um estudo do IBPT concluiu que a carga tributária do primeiro trimestre atingiu 40,01% do PIB, com aumento de 1,05 ponto percentual em relação a igual do ano passado.

Fonte: Eletrolar New

Comissão de Metrologia e de Laboratórios do Sinproquim

Novos participantes

A Comissão de Metrologia Química do Sinproquim está com novos participantes. Em reunião realizada em 10 de agosto na sede do Sinproquim os representantes nomeados pelas empresas associadas que responderam ao convite do Sindicato para participação em suas comissões de trabalho iniciaram as atividades da nova Comissão.

Os novos integrantes são Elekeiroz, representada por Miltes Maria Visentainer Rígolo; Sika, representada por Márcia Palomares; Chevron, através de Reginaldo Médico e Resinor, que já fazia parte da Comissão através de Antônio Carlos de Paula. Heliara Nascimento foi indicada como responsável pela coordenação da Comissão e representa a Oxitenio.

Uma das primeiras atividades da nova Comissão foi a votação sobre a alteração da denominação da Comissão, que recebe o nome de Comissão de Metrologia e de Laboratórios do Sinproquim.

Desta forma, poderá trazer maior número de temas de importância para o dia-a-dia da garantia de qualidade das empresas da indústria química.

O objetivo da Comissão de Metrologia e de Laboratórios é proporcionar treinamentos à empresas e contatos com especialistas dos temas de interesse. Ser um fórum de debate.

Cada comissão é formada por representantes voluntários de três a cinco empresas com a atribuição de trazer a expectativa da empresa e contatar especialistas em temas de interesse para treinamentos e debates ou sugerir temas de interesse a número representativo de empresas do ramo químico.

A Comissão de Metrologia surgiu em outubro de 1997 através de um convênio Sinproquim/Sebrae, logo após a formação do sub comitê brasileiro de metrologia formado em setembro de 1997 do qual também faz parte, com a atribuição de levar ao Comitê a expectativa da indústria química na metrologia.

Sinproquim participa da disseminação da Metrologia no país

O Programa Brasileiro de Metrologia em Química, de âmbito nacional e que está em sua segunda fase, foi criado a partir do Comitê de Metrologia para a Indústria Química do Estado de São Paulo, estabelecido entre o Sinproquim e outras instituições

A adequação da infra-estrutura tecnológica às padronizações internacionais e a adoção de práticas metrológicas são condições indispensáveis para que as indústrias brasileiras possam competir no mercado. A incorporação da metrologia como parte integrante da política das empresas é imprescindível para que as indústrias conquistem e mantenham uma posição de destaque no mercado. Nos últimos anos, vem aumentando o esforço para a obtenção de resultados exatos e confiáveis. “A utilização de metodologias validadas e a busca de referências mundialmente reconhecidas são fortes tendências observadas nos laboratórios e nas indústrias nacionais”, afirma a coordenadora do Programa Brasileiro de Metrologia em Química (PBMQ), Vera Maria Lopes Ponçano, do Instituto de Pesquisas Tecnológicas – IPT, que apresentou a segunda fase do Programa durante o Encontro para a Qualidade de Laboratórios - Enqualab 2004, realizado no início de junho no Centro de Convenções Abimaq.

Com a finalidade de equacionar questões setoriais, grupos têm trabalhado de forma coordenada para que os benefícios atingidos tenham homogeneidade nacional. Um exemplo desses grupos é o Comitê de Metrologia para a Indústria Química do Estado de São Paulo, formado em 1997, no âmbito de um programa de trabalho estabelecido entre Sinproquim e outras entidades, coordenado pelo IPT, que

juntamente com o INMETRO, institutos de pesquisa, universidades e outras instituições, constituíram a Comissão de Metas para a Indústria Química Paulista. “O Sinproquim teve papel fundamental na criação do Comitê, que hoje tem reflexo num programa nacional. A diretoria deste Sindicato sempre nos apoiou e nos atendeu em todas as solicitações, desde a criação desse Comitê”, agradece Vera.

Ao longo desses anos, várias ações foram desenvolvidas para identificar competências na produção de materiais de referência e necessidades na área metrológica. O modelo proposto e adotado na execução do PBMQ, provou sua eficiência pelos resultados já alcançados. A ativa participação internacional do Programa, tem gerado interação técnico-científica, com organizações como CCQM (Comité Consultatif Pour la Quantité de Matière), SIM (Sistema Interamericano de Metrologia), CITAC (Co-Operation on International Traceability in Analytical Chemistry) e ISO/REMCO.

Com base nesses parâmetros e aliado à manifestação de interesse dos laboratórios em realização a determinados desenvolvimentos, em consonância com as linhas do programa, foi proposto o Projeto “Implementação do Programa Brasileiro de Metrologia em Química – Fase II”, subsidiado pelo MCT através do CNPq. O projeto foi aprovado no final do ano passado e teve início em janeiro deste ano.

Sob coordenação de Vera, esta segunda fase tem por metodologia reorganizar e ampliar o Programa para propiciar a necessária confiabilidade às medições em química, com foco no produto. Os denominados Grupos Temáticos (GT) e Grupos Técnicos Executivos (GTEs) atuam de forma a atender a demanda do setor produtivo, os quais estão

Vera Maria Lopes
Ponçano,
coordenadora
do PBMQ



sendo conduzidos por diferentes instituições do País. O Programa conta com a participação direta de 132 pesquisadores, 44 laboratórios e 34 organizações do Distrito Federal e de oito estados brasileiros: São Paulo, Rio de Janeiro, Rio Grande do Sul, Paraná, Minas Gerais, Bahia, Pernambuco e Rio Grande do Norte.

Entre as atividades estão o estabelecimento do Comitê de Acompanhamento – MCT; Avaliação, Validação e Implantação do Sistema de Gestão do PBMQ; Disseminação, Ações de Educação e Treinamento; Participação em Fóruns Nacionais, Regionais e Internacionais; Desenvolvimento de Programas de Comparação Interlaboratorial; Produção de Materiais de Referência; Preparação de Normas Brasileiras de importância para o Programa.

Vera acredita que o trabalho em parceria e formação de rede é uma tendência mundial porque otimiza e gera resultados para um país num patamar mais elevado e num tempo menor do que se fosse partir do zero. “É preciso identificar prioridades e fazer uso do que já dispomos, ou seja, saber usar o potencial que existe no país. Uma questão de postura, de educação, de abertura de consciência...”, analisa. “Nossa base técnica é muito forte, mesmo com todas as nuances políticas temos resistido bravamente em nossa proposta”, complementa.

Comunicação: desafio estratégico para o sucesso da gestão

“A Comunicação Empresarial como instrumento de melhoria de desempenho” foi tema de palestra apresentada no Sinproquim, no dia 29 de junho. Na ocasião, a eng^a Vera Lúcia Monteiro Bacil falou da importância do entendimento da comunicação de uma gestão empresarial sob o ponto de vista estratégico

Necessidade básica dos seres humanos, a comunicação tem, cada vez mais, papel fundamental na vida das pessoas, pois define o sucesso de qualquer tipo de relação. Através de uma abordagem que busca o alinhamento conceitual dentro de um determinado contexto, a engenheira Vera Lúcia Monteiro Bacil ressaltou, durante a palestra, que a comunicação eficaz está sempre relacionada ao receptor.

“Nossas relações determinam nosso sucesso ou fracasso. Quanto mais o homem tem qualidade e consistência em seus relacionamentos e quanto mais equilíbrio (habilidade de se comunicar) tiver, mais se transforma

numa pessoa de sucesso”, acredita Vera, ressaltando que a habilidade de comunicação e relacionamento é proporcional ao amadurecimento da gestão. “Quanto mais amadurecido o processo de gestão, mais importância tem o relacionamento”, reforça.

Para Vera, atualmente as micro e pequenas empresas enfrentam dois grandes problemas: a falta de ferramentas estratégicas adequadas e a falta de habilidade de comunicação e relacionamento num nível estratégico. “O que dita o sucesso é a abordagem de relacionamento somente a partir do momento que a empresa tenha definida a sua visão estratégica”, afirma.

Em sua opinião, a implantação de um modelo de relacionamento deve ser transformacional, ou seja, um modelo baseado em valores e não em princípios. “O autogerenciamento é um dos grandes desafios do século XXI. O ideal é que seja baseado em princípios e caráter e não em valores e personalidades, além disso deve incentivar um questionamento e equilíbrio de novas prioridades, auxiliando na simplificação de escolhas e caminhos”, diz.

A comunicação eficaz depende do nível de maturidade de gerenciamento pessoal e interpessoal e do modelo de relacionamento adotado. Essa eficácia pode ser adquirida, já que é um conjunto de hábitos, habilidades e atitudes que favorecem a melhoria contínua de desempenho pessoal e interpessoal através do equilíbrio entre conhecimento, capacidade e motivação e do equilíbrio entre vitória pessoal e vitória em público.

No contexto organizacional, a qualidade no relacionamento e na comunicação com as partes interessadas (stakeholders), no alinhamento da gestão de pessoas aos objetivos estratégicos do negócio e na gestão com foco equilibrado, são os desafios atuais, segundo análise de Vera. “A definição da comunicação no ambiente organizacional é fator de vantagem competitiva e ajuda as empresas a atingirem objetivos e metas. A comunicação é um instrumento poderoso de mudança e os colaboradores ou empregados são os maiores aliados de uma empresa”, conclui.

Especialista fala sobre descontaminação de Queimaduras Químicas

O químico e Ph.D em Catálise, Mário Gilberto Kool Monteiro, esteve no Sinproquim, no dia 24 de junho, proferindo palestra sobre “Queimaduras Químicas”

Consideradas graves, as queimaduras químicas são lesões provocadas pelo contato direto da pele com alguma substância química (ácidos ou bases fortes). A problemática relacionada com acidentes do trabalho atinge no Brasil proporção alarmante; dados do INSS até 2001 e estimativas para os dois últimos anos apontam para aproximadamente 300 mil acidentes/ano com 4 mil óbitos/ano, inclusive causados por produtos agressivos. Investir continuamente em ações e medidas de prevenção, conscientização, treinamento e melhoria das condições de trabalho é papel de empregadores, governo e trabalhadores.

Os acidentes químicos podem resultar em consequências sociais e econômicas. São gastos pelo INSS aproximadamente R\$1,5 bilhão por ano em benefícios acidentários. Cerca de 1% a 3% da folha de pagamento de uma empresa é deslocada para custeio desses benefícios. “Nessa realidade, a participação do Estado e da sociedade é fundamental para mitigar estas consequências”, entende Mário Gilberto Kool Monteiro.

No aspecto social, acidentes com queimaduras químicas provocam afastamento, invalidez, inconveniência, incapacitação, baixa do moral etc. No aspecto econômico, podem resultar numa série de consequências legais, trabalho adicional, retreinamento, cuidados hospitalares etc. “Quanto mais profunda é a destruição dos tecidos, mais séria é a queimadura”, afirma Monteiro, ressaltando que os danos são reversíveis, a não ser que a queimadura atinja as camadas mais internas da pele ou globo ocular. Para se evitar o contato com substâncias corrosivas, irritantes ou tóxicas, é essencial observar os procedimentos de segurança, o uso dos EPI’s (Equipamento de Proteção Individual), prover melhoria/adequação de processos e dotar as instalações de risco com ferramentas avançadas e atualizadas.

Novas ferramentas no mercado

Em sua palestra, Mário Monteiro falou da divulgação, iniciada em novembro de 2001, de dois produtos com aplicações em ambiente de risco químico, onde podem ocorrer projeções e risco de queimaduras químicas. São os descontaminantes quelantes-anfóteros, Diphoterine e Hexafluorine, não tóxicos ou irritantes, que surgem como



Mário Gilberto Kool Monteiro, químico da Globaltek

novas “ferramentas” de prevenção do mal maior (queimaduras químicas) quando outras medidas falham e o produto químico agressivo atinge o trabalhador. O especialista esclarece que os produtos não são medicamentos e não têm ação metabólica, imunológica ou farmacológica. “Não agem no tecido da epiderme e derme, como fazem os medicamentos, mas sim no produto agressor, ácido, álcali ou HF hidratado; este último é descontaminado pelo Hexafluorine, específico para tal ácido, duplamente perigoso: corrosivo e tóxico”.

Um benefício adicional é que são soluções ligeiramente hipertônicas, que invertem o fluxo de líquido do interior das células atingidas, expulsando o agressivo; a água, hipotônica, faz o oposto, favorecendo a penetração do agente agressivo mais profundamente.

Além do aspecto humanitário da prevenção de desfiguração, perda de visão, amputação e até óbito de acidentados, as



conseqüências econômicas e legais são, via de regra, evitadas com a descontaminação efetiva, pelo uso destes produtos; assim, redução expressiva de afastamento e absenteísmo médico são resultados factíveis que já estão sendo obtidos por usuários no Brasil.

Estes produtos têm demonstrado os seus benefícios na minimização de seqüelas em vários países da Europa, Estados Unidos, Canadá, Israel, Turquia e China, evitando óbitos, perda de órgãos (por exemplo, os olhos) e diminuindo drasticamente o absenteísmo por acidentes de trabalho com produtos químicos. Forças armadas de alguns países, corpo de

bombeiros, defesa civil, hospitais e centros anti-veneno adotaram o Diphoterine para casos de ataque com armas químicas, contingência e catástrofe envolvendo produtos químicos agressivos.

Independente do agente agressor envolvido, para que a descontaminação seja eficiente, é muito importante a agilidade no atendimento do acidentado. O químico explica que a gravidade da queimadura depende do tipo de produto e concentração, da temperatura na qual o produto químico se encontra e do tempo de exposição. “Desses três fatores, só podemos controlar o tempo, os demais são es-

pecíficos do processo, portanto, quanto mais rápida, mais efetiva a descontaminação”, salienta. “Quanto mais rápida for a intervenção, menor será a possibilidade de ocorrer a lesão. Mesmo se houver alguma demora para usá-los, sua ação é incomparavelmente mais efetiva que água ou outro método de pronto socorro para acidentes com produto químico”, assegura.

* Desenvolvidos pela Prevor (www.prevor.com), na França, os descontaminantes Diphoterine® e Hexafluorine® são distribuídos no Brasil pela Globaltek Ltda (www.globatek.com.br), ambas especializadas em risco químico.

O uso do conhecimento como fator de competitividade

A engenheira industrial química, Vera Lúcia Monteiro Bacil, esteve no Sinproquim no dia 29 de julho, e apresentou palestra que teve por objetivo principal desmistificar o gerenciamento do conhecimento e acelerar a incorporação da nova mudança de paradigma na perspectiva organizacional. A consultora empresarial também apresentou um modelo alternativo de gestão de pessoas que potencialize o capital intelectual a favor da missão da empresa

Como desenvolver e gerenciar a Inteligência Organizacional? Os caminhos da modernidade esbarram na visão que o empresário deve buscar de uma nova dimensão no pensamento estratégico e organizacional. “As empresas evoluem muito em algumas áreas, mas há dificuldade com relação à Gestão do Conhecimento, que é complexa e difícil de implementar. Pesquisas recentes mostram que o nível de dificuldade de implementação chega a 60%”, informa Vera. Em sua opinião, o país se encontra num momento saudável em que há um movimento constante pela busca da qualidade. “Houve um aumento de produtividade, mas ainda não se conseguiu atingir uma competitividade externa”, analisa.

Ao situar a realidade brasileira dentro da cadeia industrial, Vera ressaltou os princípi-

os e desafios do modelo de gestão de pessoas para o sucesso dos negócios. Em primeiro lugar é essencial alinhar as pessoas às estratégias do negócio e aos objetivos organizacionais; em seguida desenvolver a capacitação dos gestores de cada processo da empresa. Outro desafio é apoiar e promover processos de mudança organizacional e direcionamento estratégico. “De cada 100 empresas visitadas, mais de 80% tem problemas de visão estratégica e de comunicação. Comunicação no sentido de transmitir conhecimento. Os empresários brasileiros precisam investir em estratégias e inovação organizacional”, avalia a consultora.

Ela reconhece que a Gestão de RH está passando por uma nova formatação dentro da Gestão de Negócios. “As áreas de RH e de Marketing não devem ocupar níveis departamentais. A gestão por competências se faz com múltiplas frentes e assim as empresas perdem o foco. Para que uma empresa tenha sucesso é preciso, antes de desenvolver competências organizacionais, definir estratégias, fazer um mapeamento por processos”, ressalta. “O sucesso empresarial passa pela gestão de pessoas e não por fórmulas. Elas artificializam as empresas”, arremata.

Nas duas últimas décadas, a evolução real da gestão no campo do pensamento foi muito pequena para fazer frente aos novos desafios. “Ela evolui com modelos e exigências, mas a mentalidade das pessoas não evoluiu proporcionalmente”, compara. Vera analisa que houve divulgação da idéia do conhecimento como nova matéria-prima, mas que não conseguiram transformá-la em força propulsora para o sucesso organizacional. “O conhecimento não pode ser gerenciado, apenas a informação. Aí está um dos maiores desafios dentro das empresas: a necessidade de atrair e reter pessoal de grande capacidade intelectual. O sucesso da

maioria das organizações depende da capacidade intelectual de um número pequeno desses trabalhadores do conhecimento. Os rumos competitivos ficam na mão de poucas pessoas. Formar pessoas, transformá-las e potencializá-las é o ideal”.

Para Vera, atualmente existem duas alternativas para uma empresa: continuar no paradigma antigo em plena Era do Conhecimento baseado e ditado pelos “sacerdotes” da Tecnologia ou adotar uma nova atitude mental e engajar-se nessa oportunidade que acontece uma vez a cada século: a de criar um novo paradigma de sucesso organizacional.

Para avaliar a Inteligência Organizacional, Vera apresenta uma nova proposta que se baseia num modelo que oferece sete dimensões chaves;

- 1) Visão estratégica: capacidade de criar, desenvolver e implementar conceito de finalidade e direcionamento para a empresa;
- 2) Destino compartilhado: sensação de que todos estão no mesmo barco (conexão por um objetivo comum);
- 3) Apetite por mudanças: capacidade de se desapegar do passado (romper com o passado) e criar novas formas de fazer as coisas;
- 4) Coração: sentido coletivo de energia, motivação e disposição (esforço extra para que a empresa tenha sucesso);
- 5) Alinhamento e Congruência: mostra até que ponto um projeto de infraestrutura está preparado para implementação do processo;
- 6) Uso de conhecimento: capacidade da organização de capitalizar seus conhecimentos coletivos, de propiciar o compartilhamento e a aplicação deles de fomentar o desenvolvimento de novos conhecimentos;
- 7) Pressão por desempenho: trabalhar de acordo com as ferramentas que a empresa dispõe.



Equipes de Melhoria, ferramenta de otimização na Gestão Integrada

A engenheira química Tânia Cerqueira Balera esteve no Sindicato no dia 22 de julho, propondo uma reflexão sobre a importância da atuação de equipes de melhoria como ferramenta de otimização da Gestão Integrada. A especialista salientou de que modo essas equipes podem contribuir na busca pela melhoria contínua de qualquer Sistema Integrado de Gestão.

Tânia iniciou sua exposição apresentando vídeos ilustrativos que evidenciaram aos participantes a grande diferença que existe entre grupos e equipes. Ela explica que grupos não têm objetivos em comum pré-definidos, o contrário de equipes, que têm um líder, trabalham a partir de um planejamento, constância de propósitos, busca por resultados, sincronismo entre os integrantes através de uma relação harmônica que respeitam a individualidade de cada um.

Reconhecer a importância do papel que o indivíduo exerce dentro de uma equipe é essencial para que este se sinta motivado a desempenhar sua função. “A motivação é uma ação individual do ser humano. É diferente do incentivo, do estímulo, elementos externos ao indivíduo”, esclarece a especialista. “Quando não se está comprometido

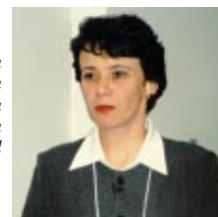
com a busca por resultados positivos, não há como se alcançar os objetivos e metas. O colaborador deve estar muito mais do que envolvido, deve estar comprometido com o que faz”, complementa.

No entanto, para estar e se sentir comprometido, é fundamental que se tenha o conhecimento e a visão da totalidade do processo. “Equipes eficazes sabem para que serve seu trabalho. A autonomia deve ser tratada pelas organizações como um componente estratégico para a melhoria de processos”, analisa Tânia, salientando que para que os resultados sejam satisfatórios é essencial estabelecer e definir padrões elevados e processos de mensuração do desempenho, assim como a implantação de comunicação real entre a direção da empresa e os colaboradores.

Em sua palestra, Tânia explicou como uma empresa pode introduzir um esquema de equipes de melhoria. Os CCQ's - Círculos de Controle da Qualidade - são adotados por empresas que possuem um contingente operacional que não têm uma qualificação profissional tão madura. Já as EMC's - Equipes de Melhoria Contínua - caracterizam-se pela multidisciplinaridade de seus integrantes, que possuem um nível de formação e experiência mais elevados.

Outro fator importante para o desenvolvimento da cultura de qualidade dentro de

Tânia Cerqueira Balera, assessora corporativa da Qualidade da Fosfertil



uma organização é o tipo de metodologia aplicada, como “Ver & Agir”, “PDCA”, “DMAIC” ou “6 Sigma”. Empresas que desejam ter equipes atuantes e formalmente definidas precisam identificar uma metodologia para os trabalhos, treinar os profissionais dentro dessa metodologia, formalizar o programa (com apoio da direção da empresa), sistematizar o registro e acompanhamento das equipes e estabelecer uma sistemática de avaliação dos trabalhos.

Atualmente, apenas 18% do total de funcionários de uma organização acaba se oferecendo voluntariamente para participar dessas equipes de melhoria. “30% seria o ideal”, frisa Tânia. “O grande desafio é criar uma identidade para as equipes e dar crédito aos seus integrantes para que sejam reconhecidos como *black belts*, ou seja, verdadeiros especialistas internos. “O segredo do sucesso das equipes de melhorias está no treinamento da metodologia a ser aplicada”, analisa.

Como preparar uma empresa para exportação

Por que exportar? Quais os principais caminhos para exportar? Como preparar a empresa para participar no mercado internacional? Para abordar o assunto, o gerente de negócios do Banco do Brasil, Sussumo Tatenauti Konda, há 25 anos na área, proferiu palestra intitulada “Sensibilização para Exportação”, no Sinproquim, em 22 de junho.

O modelo exportador no Brasil foi baseado na concentração dos grandes conglomerados empresariais. Cerca de 60% das exportações estão concentradas nas atividades das grandes empresas e das multinacionais. As pequenas e micro empresas também são parte integrante do desenvolvimento econômico do país. Para incentivá-las a exportar, o Governo Brasileiro criou o Proex – Programa de Exportação, que tem como agente financeiro o Banco do Brasil.

Durante palestra no Sinproquim, o gerente do BB, Sussumo Konda frisou que exportar traz benefícios como melhorias financeiras, utilização da capacidade ociosa, marketing e status, aprimoramento da quali-

dade e da operacionalidade da empresa, ampliação de mercado e diluição de riscos. “A exportação tem que trazer rentabilidade e aumentar os horizontes”, salienta.

Exportar deve ser um plano de longo prazo e planejar é essencial para alcançar os resultados esperados. A respeito disso, o especialista deu algumas dicas sobre planejamento estratégico: analisar o que pode ser exportado (verificar o Tratamento Administrativo para o produto); definir o preço para exportação; adequar o produto ao mercado que se vai vender no exterior, definir o percentual da produção a ser destinada à exportação. “Depois de selecionar potenciais mercados, é fundamental conhecer aspectos relevantes desse mercado, assim evita-se o risco de compras indevidas”, ressalta.

E como preparar a empresa para exportar? Entre as medidas básicas estão: contratação de profissional especializado ou capacitação de funcionários e/ou empresário; preparação de lista de preços em moeda estrangeira com condições de venda e de entrega; preparação de material de divulgação e marketing em no mínimo três idiomas; preparação de amostras para envio aos possí-

Sussumo Tatenauti Konda, gerente de negócios do Banco do Brasil



veis compradores; preparação de embalagens adequadas ao comércio internacional; pesquisa do risco de crédito dos compradores, participação em feiras e exposições e viagens internacionais, além de estudar o que existe de financiamentos à exportação.

O Proex é um programa de financiamento criado pelo governo brasileiro, voltado à venda de bens e serviços nacionais para o exterior a custos compatíveis com os do mercado internacional. Os recursos do Programa são provenientes do Orçamento Geral da União. O programa possibilita vendas a prazo, recebimentos em prazos curtos, taxas de juros mínimas, facilidade quanto a garantias, aumento de limites de crédito, ganhos financeiros e custos operacionais reduzidos.

Assédio Moral é tema de reflexão e discussão no Sinproquim

Gézio Duarte Medrado, mestre e doutor em Direito do Trabalho, esteve ministrando palestra no Sinproquim no dia 17 de junho sobre tema que provoca inquietações na área de RH

Tão antigo quanto o trabalho é o fenômeno do assédio moral. Aparece em todas as camadas sociais e principalmente dentro das organizações, nas relações trabalhistas, que sempre foram marcadas por casos de humilhação e abuso. A figura do empregador e sua relação com o empregado no dia-a-dia na atividade laboral tem sido o foco central dos estudos desenvolvidos pelo professor Medrado. O propósito maior é possibilitar a reflexão e a discussão do assunto com o objetivo de proteger legalmente o empregado e evitar dissonâncias futuras para o empregador.

As pesquisas desenvolvidas pela ciência médica, em especial a medicina ocupacional, resultou na edição do Decreto presidencial de nº 3.048/99, que modificou o artigo 20 da Lei nº 8.213/91, ao considerar como doença ocupacional malefícios diagnosticados como de patologia laborativa.

O que se entende por assédio moral

O assédio moral é uma violência psicológica do empregador contra o empregado e revela-se pela deliberada intenção de um comportamento hostil, não ético e perverso que pela sua constância e repetição provoca distúrbios físicos, psicológicos, emocionais e sociais de forma duradoura, do que resulta a destruição de sentimentos e degradação física do assediado. Manifesta-se pela conduta de uma pessoa em relação à outra, geralmente sua subordinada, de forma autoritária, desumana da qual a pessoa que sofre as agressões e humilhações nem sempre pode se libertar de forma rápida e eficaz. São atitudes verbais ou não, repetidas com frequência. É uma forma oculta de pressão e de opressão que impossibilita a defesa da vítima. “A ocorrência de um único episódio não determina o assédio moral”, salienta Medrado.

Entre as condutas típicas de assédio moral estão: risadas, ironias, observações sarcásticas, observações pejorativas ligadas ao sexo ou opção sexual, ordens confusas e equivocadas, solicitação de tarefas inúteis, isolamento e silêncio forçado, indiferença, desvalorização deliberada, exacer-

Gézio Duarte Medrado, doutor em Direito do Trabalho



bação do poder etc. “Tudo o que foge abusivamente às normas do contrato pode se caracterizar assédio moral, porém é preciso o cuidado e o bom senso para se distinguir acontecimentos comuns nas relações de trabalho das situações que caracterizam esse fenômeno”, frisa Medrado. “Estresse, conflitos, a gestão por injúria, agressões pontuais, más condições de trabalho, imposições profissionais e outros tipos de violência física, sexual e externa ao ambiente não podem ser confundidos com o assédio moral”, salienta.

“O assédio moral ocorre quando há desrespeito à dignidade da pessoa humana do trabalhador”, considera o especialista. “A prevenção e erradicação do assédio moral é tarefa que cabe a empregados e empregadores, em especial, a estes no exercício do seu poder de direção”, complementa Medrado.

Evento

Políticas Públicas para o Crescimento é tema de debate na Fiesp

Empresários e economistas estiveram reunidos na Fiesp/Ciesp, no dia 15 de junho para debater propostas e condições de crescimento sustentável da economia durante o seminário “Políticas Públicas para o Crescimento”. O presidente da Federação, Horacio Lafer Piva, participou da abertura do evento afirmando que o incentivo às exportações, o estímulo a investimentos e a redução das despesas públicas compõem o tripé fundamental para reconduzir o Brasil ao caminho do desenvolvimento.

O primeiro painel, conduzido por Boris Tabacof, presidente do Conselho Superior de Economia (Cosec) da Fiesp, abordou de que maneira o aprimoramento do regime de metas de inflação pode ajudar no crescimento do país. O bloco contou com a exposição do economista Celso Martone e com a participação dos debatedores Demian Fiocca, chefe da Assessoria Econômica do Ministério do Planejamento, Orçamento e Gestão, Ilan Goldfjan, ex-diretor de Política Econômica do Banco Central e o economista Paulo Rabello de Castro.

Ao situar o tema num contexto mais amplo sobre o crescimento no desenvolvimento sustentado, Celso Martone apresentou uma proposta objetiva em sua explanação procurando romper com o “dilema radical” de se posicionar favorável ou contrário às metas de inflação.

Entre as mudanças sugeridas pelo economista estão a elevação dos centros das metas de inflação de 2005 e 2006 para 5,5% e de seu limite superior para 8%; o aumento das reservas internacionais líquidas para a casa dos US\$ 50 bilhões; a redução da taxa de juros real para 7% ao ano, além da ampliação da competitividade do sistema financeiro, a fim de diminuir o custo do crédito.

“A criação de um ambiente macro mais previsível pode facilitar a ação de outras políticas na credibilidade e na recuperação dos índices de investimentos produtivos. Sem investimento não há crescimento”, ressaltou Martone. “As políticas sugeridas devem implicar num viés para cima, constituir uma política econômica que possa melhorar indicadores internacionais nos próximos três anos”, complementou.

O segundo painel do seminário, apresentou o tema “Como estimular o investimento – a questão chave” com a economista Lidia Goldenstein e contou com a participação de Claudio Vaz, diretor titular do Departamento de Pesquisas e Estudos Econômicos (Depec) da Fiesp, como moderador e com o debatedor Yoshiaki Nakano, diretor da Escola de Economia da FGV/SP.

Lidia enfatizou que a indústria pode trilhar o mesmo caminho do agronegócio se tiver financiamento em condições favoráveis, aumentar sua exposição à competição internacional e investir sistematicamente no desenvolvimento tecnológico. Para o economista José Guilherme Reis, o caminho da retomada passa também pelo corte de despesas do setor público, as quais passam hoje de 40% do PIB. Reis acha necessário controlar rigidamente os gastos com pessoal, racionalizar a máquina pública e renegociar a partilha de recursos entre União, Estados e municípios.

Pesquisa Produção Industrial Mensal Física - Regional

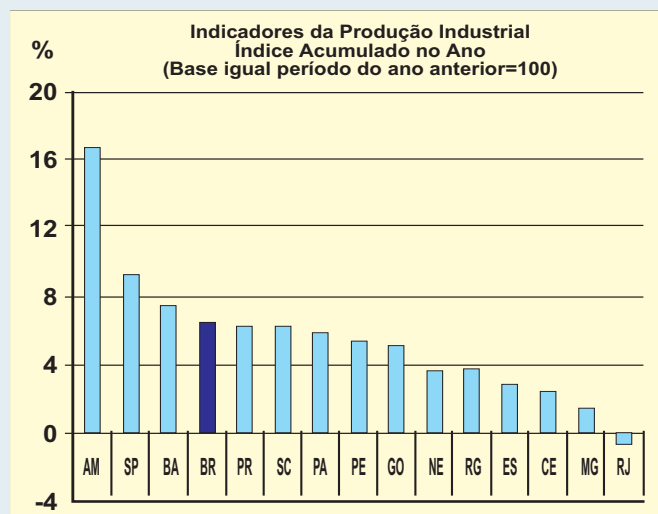
No primeiro semestre, produção industrial cresce em todos os locais pesquisados

Os índices regionais da produção industrial mostram que o resultado de 7,7%, observado para o total do País no final do primeiro semestre, refletiu um aumento no ritmo de produção nos 14 locais pesquisados. E, embora o Rio de Janeiro tenha apresentado crescimento nulo no semestre, a região reverteu sua trajetória de queda, saindo de -0,2% no primeiro trimestre, para 0,2% no segundo trimestre, se mantendo, no entanto, como o local de menor dinamismo neste ano.

Em junho, a produção industrial de São Paulo se expande 17,7% frente a igual mês de 2003. Nos demais indicadores, foram registrados 13,4% de crescimento no segundo trimestre de 2004, 10,6% no índice acumulado e 5,0% no acumulado dos últimos doze meses.

O acréscimo de 17,7% na comparação com junho de 2003, deve-se às performances positivas de dezoito entre os vinte setores que compõem a indústria. Os principais impactos positivos foram observados em alguns setores fabricantes de bens de consumo duráveis, com destaque para automóveis e telefones celulares, produtos apontados como os mais importantes na expansão de veículos automotores (43,2%) e material eletrônico e equipamentos de comunicações (84,7%). Em contraposição, nota-se que os dois segmentos em queda foram fabricação de produtos farmacêuticos (-14,6%) e bebidas (-10,2%), pressionados principalmente pela menor produção de medicamentos e refrigerantes.

No corte trimestral, a indústria paulista passa de um aumento de 7,7% no primeiro trimestre para 13,4% no segundo, sendo os acréscimos mais expressivos, em ter-



Fonte: IBGE/DPE/Coordenação de Indústria

mos de importância, registrados em veículos automotores (de 23,9% para 38,3%) e fabricação de máquinas e equipamentos (de 10,7% para 24,7%).

O bom resultado do indicador acumulado no ano (10,6%) deve-se, basicamente, a veículos automotores (31,0%), máquinas e equipamentos (17,7%) e material eletrônico e equipamentos de comunicações (32,6%), sobressaindo, no segundo setor citado, as motoniveladoras como os principais itens para o avanço da produção de bens de capital. Em contrapartida, os principais destaques negativos vieram de produtos farmacêuticos (-15,1%), edição e impressão (-2,0%) e bebidas (-1,3%), em razão dos recuos de medicamentos, livros didáticos e cachaça, entre outros.

Fonte IBGE - Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística - www.ibge.com.br

Orientação: Takashi Sanefuji

Pesquisa sobre Nível de Emprego na Indústria Paulista

Crescimento médio do emprego na indústria paulista deve chegar a 4% até o final do ano

A indústria paulista contratou 41.847 novos empregados no acumulado do ano, o que representa uma variação positiva de 2,73% para o período. O diretor da Gerência de Pesquisa e Cadastro (GPC) da Fiesp/Ciesp, Cláudio Vaz, avalia que o crescimento médio do emprego deve ultrapassar os 3,5% previstos. "Com este número positivo no acumulado do ano, com certeza chegaremos a 4%", diz. Segundo Vaz, esse número representa 70 mil novos empregos.

O mês de julho apresentou o melhor resultado desde 1999, com 11.756 novos postos de trabalho – o equivalente a um crescimento de 0,76%. De acordo com o diretor, "o crescimento do

emprego assumiu um ritmo sustentado. A variação positiva do mês passado foi inesperada, mas não representava antecipação desse movimento".

Entre os setores que mais contrataram, estão o de perfumaria e artigos de tocador (8,07%), forjaria (4,30%) e o de bebidas em geral (4,10%). Já os segmentos que mais demitiram foram os de rações balanceadas (-1,47%) e de estamparia de metais (-1,41%). "estes setores não possuem um contingente de trabalho grande, o que não possibilita variações positivas".

A prévia de um estudo sobre o impacto de cada setor nas variações percentuais de emprego no acumulado do ano mostra que os setores com maior peso no crescimento do emprego são o de montadoras e fornecedores (0,12%), calçados e vestuário (0,12%), aparelhos elétricos (0,10%), alimentos (0,10%), metalurgia (0,10%), bebidas em geral (0,09%) e perfumaria (0,08%).

Fonte: www.fiesp.com.br